

MITOLOGIA INDÍGENA PARA O 4º ANO WALDORF

Beatriz Camorlinga

Antes de contar as histórias, é muito importante ter presente todo o estudo que levou a este tema e porque trato de desenvolvê-lo.

Estou levando uma terceira turma de alunos Waldorf como professora de classe. Também trabalho como professora de matérias na escola Waldorf.

A Pedagogia Waldorf entrou na minha vida quando procurei algo que respondesse às necessidades de educação para meus filhos que estavam começando a entrar na idade escolar. Como eu já havia trabalhado com educação em outros sistemas, tinha claro que buscava algo diferente para meus filhos. Também havia desistido de ser educadora por não concordar com a forma como a educação era desenvolvida.

Por uma condução do destino, dos anjos ou de forças superiores, fui levada até a escola Waldorf pela mão da minha filha. Foi lá que descobri uma nova forma de educar, uma grande alegria em se educar para poder permitir que outros se eduquem também e foi assim que comecei a conhecer cada vez mais profundamente a Antroposofia e a Pedagogia Waldorf.

Muitos anos passaram desde aquele primeiro momento, mas meu encantamento não terminou jamais e a cada aula que preparo para meus alunos penso primeiramente no que eu estou aprendendo disso tudo, porque o que eu não aprender eles também não aprenderão. Se não há mais entusiasmo, também não haverá aprendizado. Enfim, sou uma eterna aprendiz.

Neste caminho fui encontrando pessoas que acrescentaram conhecimentos, perguntas, dúvidas e aconselhamentos ao meu trabalho. Jamais serei capaz de agradecer a cada uma delas pelo que construíram em mim.

Ao longo destes anos de estudo, fui observando cada vez mais as crianças, seu desenvolvimento e estudando através dos livros e pensamentos de Rudolf Steiner como a pedagogia é aplicada e como ela atua no desenvolvimento da criança. Este estudo é o ponto de partida para todo o trabalho e é graças a ele que comecei a desenvolver pensamentos sobre a aplicação da Pedagogia Waldorf fora da Europa. Já trabalhei em outros países da América Latina e fui me deparando com diferenças, com características que exigem algumas mudanças curriculares, seja por exigências dos Ministérios de Educação, seja por situações culturais de cada país.

Ao preparar-me para iniciar o 4º ano escolar pela terceira vez, voltei a vibrar com uma idéia que já alimentava desde a primeira turma, mas que por forças das circunstâncias não pude realizar como desejava. O quarto ano, que acontece logo após a Passagem do “Rubicão”¹ traz conteúdos que levam a criança a conhecer o seu entorno. Sua história, suas raízes. Construímos com ela a sua árvore genealógica, visitamos o Bairro, desenhamos o caminho de casa até a escola, a história da sua cidade, os acidentes geográficos, começando pelos que estão ao seu redor e assim vamos conduzindo a criança para o mundo. Parece-me muito natural que no Brasil, nesta época, contemos às crianças a história do povo que viveu aqui 10.000 anos antes da chegada dos Europeus. Mais que contar a história é contar toda a sua Mitologia, que é extremamente rica que tem uma cosmogonia filosoficamente especial. A grande dificuldade está sempre em qual caminho tomar, pois são tantas nações indígenas que viveram ao longo de toda Pindorama que é necessário fazer opções. Então segue aqui a minha sugestão.

Acho que em cada região do Brasil devíamos fazer uma boa pesquisa e tentar entender qual a mitologia mais forte nos índios da região. Às vezes basta olhar em torno e verificar os nomes das ruas, dos bairros dos lugares importantes, pois em geral nos depararemos com nomes indígenas: Itaguaçu, Iguacu, Iara, Jari, etc... Isso já é um grande ponto de partida e mais uma razão para contarmos estas histórias para nossas crianças. Elas passarão a entender o significado dos nomes que já conhecem desde pequenas. Tudo passa a fazer sentido. É lindo ver as reações.

Aqui em Florianópolis eu pesquisei os Guaranis Mbyás, mais especificamente os conhecidos como Carijós que eram as tribos que viveram na Ilha Meimbipe – nome original da ilha hoje conhecida como Florianópolis. Estes índios foram escravizados ou expulsos e sua cultura quase se extinguiu, mas sobrevive graças a um pequeno grupo que se escondeu nas matas e continuou a viver conforme seus costumes. Hoje está havendo um resgate destas histórias e eu consegui encontrar vários textos e estudos. O mais foi criar a forma de relatar e ilustrar da melhor maneira possível as paisagens das histórias que normalmente são mais

¹ Termo utilizado para designar o momento em que a criança começa a dar passos em direção à adolescência – precisa ser estudado.

curtas e diretas. Pelo menos é assim que os antropólogos as registram. Imagino que não queriam perder tempo com tantos detalhes. Quando tive a oportunidade de falar diretamente com os índios percebi que eles contam as histórias muito mais coloridas do que normalmente aparece nos estudos. Foi aí que me inspirei. Além disso, existe um material muito lindo, baseado nas histórias contadas por Kaká Verá e que trazem imagens maravilhosas da criação do homem. Como na história dos Guaranis do sul não encontrei estes detalhes, uni as duas histórias, não aleatoriamente, mas levando em consideração que em algum momento da história antiga de Pindorama, as tribos Tupis e Guaranis se uniram, formando a grande nação Tupi-Guarani. Estou certa de que em cada região brasileira e para cada professor interessado em trazer a verdadeira história e a verdadeira mitologia dos nossos antepassados para seus alunos, haverá onde se inspirar e histórias muito interessantes para contar.

A saga dos deuses guaranis

História mitológica inédita dos índios guaranis Mbyás de São Miguel, Biguaçu (Santa Catarina).

No princípio dos tempos, a Terra era habitada por criaturas abomináveis. Eram os "*Pamba'e Djaguá*" (Feras Extraordinárias). "*Nhanderu ete*", o deus supremo do universo, decidiu eliminar os "*Pamba'e Djaguá*" lançando sobre a terra uma estrela incandescente, a "*Djatchir Tata'i guatchú*".

Tidos como criaturas do mal, os "*Pamba'e Djaguá*", que a civilização ocidental chama de "Dinossauros ou Dragões" ("Lagartos Terríveis" em grego), foram mortos pelo terrível calor provocado pelo cometa. Sobre as cinzas deste mundo, "*Nhanderú etê*" decidiu repovoá-lo com um novo ser, o "Homem".

Em guarani, "*Nhanderú etê*" significa "Deus Verdadeiro". É o Deus de forma humana cujos olhos refletem a infinidade das cores. Onde aparece, reflete luz. Vaga pelo cosmos num veículo voador chamado "*Bairy*".

"*Nhanderu ete*" percorreu o "*Nhe'ê Rekuagui*", o "lugar das almas", o mundo dos espíritos. De lá trouxe "*Nhande ypy*", o "Primeiro Homem", transportando-o em seu "*Bairy*" até a Terra.

Chegando aqui em nosso planeta, "*Nhanderu ete*" advertiu a "*Nhande ypy*" que sua missão era povoar a Terra e não permitir que o egoísmo tomasse conta dos corações de seus descendentes. Acrescentou o deus que o egoísmo tornar-se-ia a raiz de todo o mal da humanidade, pois desencadeia as guerras e toda sorte de violência do homem contra o homem. Advertiu para que os homens prezassem por sua memória, cujo exemplo inspiraria os homens a praticar o bem. Nascia ali a religião guarani.

- *Nunca pense em si para que a humanidade não sofra*, aconselhou profeticamente o Deus na língua do mundo dos espíritos que se transformou no primeiro idioma da Terra, segundos os guaranis mbyás.

"*Nhande ypy*" era um éter. Chegando à Terra, transformou-se num "homem" de carne e osso. Um espírito se quiser e tiver a energia necessária, pode se materializar em forma de um corpo, diz a tradição dos índios guarani.

Aqui eu introduzi a história do Kaká Verá sobre a criação do homem, chama-se Mito da Criação, segue no final desta parte. A Arte está em conseguir unir as duas correntes, eu mantive os nomes utilizados pelos carijós e adaptei as duas histórias.

Aqui segue a parte dos Carijós, que é interessante principalmente para quem vive aqui na região sul, por causa dos nomes.

Nem tudo o que aparece aqui como informação foi contado para as crianças, o mais importante é a mitologia em si, o restante são informações para o professor, para entendermos o que aconteceu com estes povos e como conseguem manter sua tradição até os dias de hoje.

"*Nhandey pý*" , o "Adão" dos guarani mbyá, ficou dois anos sozinho na Terra. "*Mokõi aragudjê*" (dois anos depois), eis que o deus "*Nhanderú etê*" voltou ao mundo espiritual "*Nheé Rekuaguí*" para trazer uma "*Nhande Tchir pý*" (A 1ª mulher). Tomando-a como esposa, "*Nhande ypy*" teve seis filhos (**incluir aqui o texto do Mito que fala da cabaça e das sementes**) cujos nomes são: 1) *Kraí í* (Poder Divino), 2) *Nhamandú* (Reflexo do Sol), 3) *Djatchir* (Dona da Noite), 4) *Wherá Tupã* (Deus da Chuva), 5) *Wherá Nhimbodjerê* (Dia e Noite, o giro da Terra) e 6) *Pará Guatchú* (Oceano).

Eram cinco homens e uma mulher ("*Djatchir*"). Eis o grupo inicial do qual, segundo os guaranis, descende a humanidade. Os mbyá têm o costume de adotar como sobrenome um dos seis filhos do casal "*Nhande ýpy*" e "*Nhande Tchir pý*". Segundo eles, tal costume visa indicar de quem descende os atuais índios entre os seis primeiros filhos da humanidade.

O primeiro casal e seus filhos são os primeiros homens "mortais" da humanidade, de acordo com a mitologia guarani mbyá. O deus supremo "*Nhanderú etê*" gerou três deuses secundários principais para serem seu intermediário junto aos homens. Tratam-se de: 1) "*Kraí*" (Iluminado), 2) "*Kraí Rendy Vydjú*" (Poder da Luz) e 3) "*Kraí Kendá*" (Anjo que mostra o Bem e o Mal).

Este último, "*Kraí Kendá*", é quem as religiões ocidentais chamam de "Anjo da Guarda" pois é um espírito que adverte os homens sobre o Bem e o Mal. É aquela voz interior que chamamos "Consciência".

Ao mesmo tempo que os deuses vindos do espaço sideral percorriam a Terra, o Adão e Eva da mitologia guarani mbyá vivia num mundo de bonança e prosperidade. Mas faltavam os netos. O casal tinha seis filhos- cinco homens e uma mulher. Os filhos não tinham esposas. Se quisessem ter filhos, só a irmã. Porém, mesmo nos primórdios da humanidade, respeitava-se o tabu do incesto, isto é, irmão não poderia manter relação sexual com a irmã.

Em virtude desse problema, o deus supremo do universo "*Nhanderú etê*" voltou novamente ao mundo dos espíritos, o "*Nheé Rekuaguí*", no qual buscou três mulheres e um homem. Transportou-os em seu "*bairý*", a nave voadora que atravessa os confins do universo numa velocidade inimaginável.

As três mulheres tornaram-se as esposas dos cinco irmãos. Já o homem trazido pelo deus tornou-se o marido da filha *Djatchir* (Dona da Noite). Desses casamentos, nasceram filhos, netos do primeiro casal da humanidade. Os netos, todos primos, casaram-se entre si. Houve também casamentos com tios. Assim foi-se passando o tempo e a população humana multiplicando-se no planeta Terra.

A população cresceu acentuadamente ao longo do tempo. Todos falavam a mesma língua. Ao contrário dos católicos, os guaranis mbyás não possuem lenda semelhante à da bíblica Torre de Babel. Dizem que a primeira língua do mundo, surgida por inspiração divina, foi modificando-se ao longo do tempo quando grupos foram afastando-se da tribo original com o objetivo de conquistar a Terra. Com o distanciamento e a falta de comunicação, tais grupos foram inventando novas palavras que se tornaram particulares da tribo. Com o tempo, passaram a falar idiomas cada vez mais diferentes, de sorte que chegou um tempo em que as diferentes tribos não mais se entendiam.

As mudanças apareceram não só apenas nas línguas. Os povos, mesmo primos, foram diferenciando-se em costumes, hábitos, cultura, vestuário e, principalmente, religião. Dois eram os principais grupos humanos. O primeiro era os da tribo dos "*Kurupí*" (egoístas). O segundo tratava-se dos "*Iapó Gú*" (os que vivem nas rochas).

Os "*Kurupís*" formavam uma coligação de povos em cuja religião já não mais se cultuava o verdadeiro deus, o "*Nhanderú etê*", mas os "*espíritos ruins da Terra*". Segundo os guaranis, os "*Pambá é Djaguá*" (as criaturas terríveis dos primórdios da Terra- "dinossauros") eram guiados por espíritos ruins. Com a morte das criaturas, os espíritos desprenderam-se dos animais e ficaram vagando pela Terra. Com o tempo, povos como os "*Kurupís*" passaram a cultuar tais espíritos que apareciam em forma de "fantasma". Conforme os índios, os "fantasmas" são os espíritos ruins que os católicos chamam de "demônios". Só vivem na Terra.

São tão medíocres que não vieram do cosmos. Nasceram da própria Terra, um mundo de provação. Em guarani, recebem o nome de "*Baipotchir*" (Raiva de Gente).

Já os "*Iapó Gú*" eram os povos que viviam em aldeias de casas de pedra nas quais contavam com iluminação moderna. Seria a eletricidade?

A religião dos "*Iapó Gú*", ao contrário dos "*Kurupí*", não invocavam demônios "*Baipotchir*" como deuses. No entanto, esse povo também não acreditava em "*Nhanderú etê*". Havia alguns entre eles que eram "puros de alma", mas a grande maioria não passava de gente corrupta moralmente.

Antes poucos, os "*kurupi*" multiplicaram-se demasiadamente de sorte que passaram a ambicionar a conquista do mundo. Entre os "*kurupi*", havia um chefe chamado "*Karambá*", chefe de um poderoso exército. Sua alma fora dominada por um diabo "*Baipotchir*". Alucinado pelo mal e de alma perversa, "*Karambá*" ambicionou conquistar os "*Iapó Gú*".

Eis que um dia começou uma gigantesca guerra entre os "*kurupi*" e os "*Iapó Gú*". Ambos povos não dispunham de tecnologia. Fora uma guerra de "machados de pedra". Mas as batalhas impressionaram pelo número gigantesco de combatentes. Somavam milhões de guerreiros.

A guerra toda durou apenas dois meses, mas fora devastadora. Matou tanta gente que a humanidade ficou reduzida ao mínimo. O local da batalha final situa-se hoje num ponto do oceano, surgido após o dilúvio, a catástrofe que ocorria na Terra séculos após a grande guerra dos "*kurupí*" e os "*Iapó Gu*".

O chefe "*Karambá*" sobreviveu à catastrófica guerra, mas não viveria por muito tempo. Sucumbiu a uma doença misteriosa. Já os poucos sobreviventes entre os "*Iapó Gú*" tornar-se-iam, milênios mais tarde, os pais dos povos da antiga Atlântica, a misteriosa ilha do meio do oceano atlântico, e dos incas, conforme diz a lenda guarani mbyá.

Não se sabe quanto tempo foi, mas as poucas milhares de pessoas que sobraram após a grande guerra foram multiplicando-se novamente nos séculos de paz que se prosseguiram. No entanto, as novas gerações tornaram-se mais perversas ainda. Continuaram a não acreditar no deus verdadeiro, o "*Nhanderú etê*". Sucederam-se séculos de inúmeras breves guerras de pilhagem. Tratava-se de um mundo de mentira, perversidade, pecado e crueldade.

Poucas tribos eram as que acreditam em "*Nhanderú etê*". A maioria dos povos tornou-se idólatra de deuses "*baipotchir*".

E a Terra tornou-se novamente um mundo de total corrupção moral. Numa de suas passagens pelo planeta, "*Nhanderú etê*" concebeu a idéia de que o mundo deveria ser destruído para recolonizá-lo com homens mais puros como "*Nhamanduráy*" (Filho do Sol). Concebeu a idéia do "Dilúvio".

"*Nhamanduráy*" acreditava em "*Nhanderú etê*". Sua fé era persistente. Numa certa noite, "*Nhanderú etê*" apareceu em sonho, dentro de seu veículo voador "*Bairý*", para "*Nhamanduráy*". No sonho, o deus avisou-lhe que iria destruir o mundo com uma chuva torrencial. Descendente de uma mortal com o deus "*Kraí Kendá*", "*Nhamanduráy*" foi aconselhado a subir na maior montanha da terra, único lugar em que a água do Dilúvio não alcançaria. Com ele e sua mulher "*Nhandetchir Ypy*", outros dois casais foram avisados para se salvarem no alto da mesma montanha.

Eis que quando tinha 86 anos de idade, o grande Dilúvio começou com uma tempestade nunca antes imaginada. Foi então que a humanidade inteira foi destruída, sobrando os três casais, sob liderança de "*Nhamanduráy*".

Antes a Terra era um imenso continente. Após o Dilúvio, surgiram os "*Para Guatchú*" (oceanos) que dividiram a Terra em vários continentes. Foi então que o que hoje conhecemos como América ficou separado da Europa, África e Ásia. Antigos rios transbordaram formando mares. Montanhas viraram ilhas.

A humanidade voltou a estaca zero com três casais. Logo "*Nhamandu Ra'y*" ficou viúvo, pois sua mulher, que havia perdido a fé em "*Nhanderu etê*", falecera de "*Ikaruguapá*" (paralisia). Outras doenças dizimaram os outros dois casais pelo mesmo motivo de não terem fé no verdadeiro deus.

Eis que "*Nhanderú etê*" buscou uma mulher para "*Nhamandu Ra'y*" em outro mundo espiritual chamado "*Nhanderu Vutchu*" (Onde o Sol nasce).

Os índios guaranis acreditam que a alma boa vai para o céu e o mal fica na Terra com os diabos. Estes últimos são invisíveis, mas segundo os índios, as pessoas sentem suas desagradáveis presenças.

Eis que um dia veio à Terra "*Nhanderu Ra'y*" para a missão de ensinar os homens o verdadeiro ensinamento de "*Nhandery etê*". Segundo os índios, "*Nhanderu ra'y*" era "Jesus Cristo".

No tempo da colonização

Contando a História do Guarani Nato da Região da Grande Florianópolis e principalmente da Ilha de Santa Catarina

Por Milton Moreira Wherá Mirim

Cacique da aldeia dos índios guarani Mbyá de São Miguel, Biguaçu, Santa Catarina (Brasil)

Na Ilha de Santa Catarina, tinha uma aldeia que se chamava Tekoa Guassú-Há-Há-Kupé. Essa aldeia era muito respeitada, porque só moravam caciques, curandeiros, conselheiros, líderes de instrumentos musicais, e até os líderes de caçadores. Desta maneira nas outras aldeias tinham somente os segundos líderes.

Tinham as aldeias chamadas de Itakuruii, Pira'jumboaié e Mossamby, que ficava numa ilhazinha onde localizava-se o cemitério dos índios. Esses índios eram das tribos Chiripás e Phaím. Essas duas tribos eram de peles claras, por esse motivo passaram a ser chamadas de Guarani-Karijós pela sociedade branca, porque não sabiam a definição certa.

Mais ou menos por volta de 1.767 índios e 3.600 mulheres e crianças habitavam a Ilha de Santa Catarina. Nesta época ainda não tinham muito contato com homens brancos. Ao passar do tempo a infiltração do homem branco foi tanta que surgiram doenças como tuberculose, bronquite e outras. Essas doenças foram que acabaram com maior parte dos índios Guarani-Karijós.

Os índios que restaram ainda sofreram pela segunda vez com os conquistadores da Ilha de Santa Catarina, que começaram as matanças dos Guarani-Karijós. Desses índios sobraram apenas sete casais, que tiveram que fugir para o sul da ilha. Escolheram a ponta sul da Ilha porque ficava mais próxima do continente. A travessia aconteceu da ponta da Ilha até a praia da Pinheira. Mas esses casais de índios não queriam ficar na beira da praia por motivo de poderem ser massacrados de novo, então tomaram rumo norte até depararem-se com o Morro dos Cavalos. Ficaram ali até surgir a 1ª Guerra Mundial, que foi por volta de 1914. A partir daí tomaram rumo oeste, próximo a Santo Amaro da Imperatriz. Lá acharam um lugar chamado até hoje de Rio do Bugre.

Foi somente a partir de 1942 que os índios foram aparecendo pouco a pouco na região de Palhoça junto com os colonizadores. Desses índios Guarani, já granfilhos destes índios Guarani-Karijós, que vieram a ser nossos pais, restam só nós atualmente.

A partir de 1978 começamos a procurar um lugar para ficar, até que encontramos um lugar aqui no bairro São Miguel, município de Biguaçu. Estamos neste lugar desde 12 de outubro de 1987. Nós somos os últimos dos índios Guarani-Karijós que ainda falamos o nosso idioma nato. Por este motivo, queremos parabenizar o nosso lugar e também a toda a comunidade de São Miguel, Biguaçu e Florianópolis. Pedimos para os nossos governantes que olhem mais para nós, que ajudem mais a minha comunidade em termos de alimentos, para que um dia possamos ajudar o Brasil.

Agradecemos em nome da comunidade indígena pela compreensão e pela honra que nos deu.

Esta é a transcrição ipsis litteris do texto manuscrito do cacique Milton Moreira WHERÁ MIRIM. O texto foi redigido em 15 de fevereiro de 1989.

Eu fui até a aldeia e conversei com este cacique e outros moradores, li esta história e fiz algumas anotações. Eles se lembram das histórias que um velho cacique contava e alguns acrescentaram mais detalhes.

Os Últimos Carijós

A História da tribo dos guaranis Mbýas de São Miguel, Biguaçu (SC) relatada pela tradição oral

A aldeia dos índios guaranis de São Miguel, no município de Biguaçu (SC), surgiu em 12 de outubro de 1987. Situa-se às margens da rodovia BR-101, a cinco quilômetros ao norte do centro de Biguaçu e a 20 do centro de Florianópolis

Essa tribo, que reúne 79 pessoas, é chamada de "Guaranis Mbýas". "Mbyá" significa "gente" na língua guarani. O "morubixaba" (cacique) da tribo é Milton Moreira Wherá, 37 anos.

Classificada pelos antropólogos de "Mbýas", a tribo se diz, no entanto, descendentes dos índios Carijós das tribos "Chiripás" e "Phaim", da Ilha de Santa Catarina. *"Essas duas tribos eram de peles claras, por esse motivo passaram a ser chamadas de Guarani-Karijós pela sociedade branca, porque não sabiam a definição certa"*, escreveu o cacique Milton Moreira Wherá num pequeno ensaio em que resumiu, por escrito, a história de sua tribo transmitida oralmente por gerações. O texto data de 15 de fevereiro de 1989.

"Carijó" era como os bandeirantes chamavam os índios de língua guarani que vivam no litoral catarinense nos séculos XVI e XVII. "Carijó" vem de "Cari-yó", uma palavra derivada de "Cari", que significa "branco" em Tupi, a língua falada pelos bandeirantes vindos de São Paulo. "Cari" vem em alusão à pele mais esbranquiçada dos índios guaranis do litoral catarinense.

Os índios da aldeia de São Miguel, Biguaçu, contam que seus descendentes, os "Chiripás" e "Phaim", que falavam um dialeto guarani, viviam na ilha de Santa Catarina. Eram pescadores.

Afinal, a Ilha de Santa Catarina era um paraíso da pesca nos séculos XVI e XIX, antes do estrago (lê-se poluição e degradação do meio ambiente) proporcionado pela ocupação e crescimento desordenado da população branca (neoeuropéia ou descendente dos europeus) nesse espaço geográfico. Hoje em Florianópolis e vizinhanças vivem em torno de 250 mil pessoas.

Os guaranis Mbýas falam com muita nostalgia da Ilha de Santa Catarina, *"onde tinha fartura de comida e peixe"*, conforme palavras textuais do cacique Milton e seu sogro, seu Arcino Wherá, o cidadão mais idoso da aldeia.

"Chiripá" significa "escuro"; já "Phaim" é "claro". O cacique Milton conta que eram duas tribos distintas com indivíduos racialmente diferentes, mas falantes de dialetos guaranis mutualmente compreensíveis. Dos casamentos entre gente dos dois grupos, surgiu um povo autócone da Ilha de Santa Catarina (Meimbipe, conforme os índios).

Os "Chiripás" e os "Phaim" viviam em quatro aldeias, conforme conta a tradição dos Mbyás de São Miguel, Biguaçu. As aldeias são: 1) *Tekoa guassú Há Há Kupé*, 2) *Itakuruii*, 3) *Pira'Jumboaié* e 4) *Mossamby*. Os nomes perfeitamente lembram as atuais localidades de 1) Cacupe (*Há Há Kupé*), 2) Itacorubi (*Itakuruii*), 3) Pirajubaé (*Pira'Jumboaié*) e 4) Moçambique (*Mossamby*). Sobre esse último, os índios dizem que se tratava de uma ilha onde se situava um cemitério indígena.

A aldeia de "*Tekoa guassú Há Há Kupé*", conforme relata a tradição oral, era muito respeitada já que "*nela viviam caciques, curandeiros, conselheiros, líderes de instrumentos musicais e até os líderes de caçadores*", conforme escreveu o cacique Milton Moreira Wherá.

A CHEGADA DOS HOMENS "BRANCOS" - Eis que apareceram os "homens brancos". A tradição oral dos índios de São Miguel conta que os Chiripás e os Phaim sucumbiram a epidemias de tuberculose, bronquite e outras doenças trazidas pelos brancos contra as quais os índios não tinham defesa imunológica. As doenças foram responsáveis pela morte de boa parte dos antigos habitantes da ilha, contam os Mbyás de São Miguel, Biguaçu.

Apesar das epidemias, relatam os índios, ainda sobraram um bom número de silvícolas na Ilha de Santa Catarina. "*Os índios que restaram ainda sofreram pela segunda vez com os conquistadores da Ilha de Santa Catarina (os brancos), que começaram as matanças dos Guaranis-Karijós*", observa o cacique.

ÊXODO- Os índios que sobraram na Ilha de Santa Catarina, relata a tradição oral dos Mbyás, tiveram que fugir. "Desses índios sobraram apenas sete casais, que tiveram que fugir para o sul da ilha (de SC). Escolheram a ponta sul da Ilha porque ficava mais próxima do continente. A travessia aconteceu da ponta da ilha até a praia da Pinheira (Hoje no sul do município de Palhoça). Mas esses casais de índios não queriam ficar na beira da praia por motivo de poderem ser massacrados de novo, então tomaram rumo norte até deparem-se com o Morro dos Cavalos", escreveu Milton Moreira Wherá. A fuga, segundo ele, deu-se no século XVIII.

REFÚGIO- Os índios viveram em relativa paz no Morro dos Cavalos até entre o final do século XIX e o início do século XX. Um bom grupo dos descendentes deles rumou para as matas do interior de Palhoça, entrando em território de Santo Amaro da Imperatriz, indo instalar-se na região popularmente conhecida por "Rio dos Bugres". Por quê? Consequência da expansão da colonização branca e dos conflitos de terra.

O nome "Rio dos Bugres" alude à constante presença de índios kaingangues e xoklengs, falantes de línguas das famílias kaingangue e jê respectivamente. A tradição oral dos guaranis de São Miguel, Biguaçu, relata inúmeras histórias de contatos não amistosos entre os guaranis e os "bugres", comumente chamados os "botocudos" (que usam espetados nos lábios, orelhas e bochechas pequenos pedaços de madeira chamados 'botoques' como os kaingangues e xoklengs, tidos pelos Mbyás como "gente arredia e de difícil trato".

RETORNO A MORRO DOS CAVALOS- Por volta dos anos 1940, conforme o cacique Milton Moreira Wherá, o grupo deles saiu da região de Rio dos Bugres retornando a Morro dos Cavalos, onde passaram a ter certa proteção oficial do governo. Afinal, em 1914 houve a pacificação dos "bugres" kaingangues e xoklengs. Em 1910, havia sido fundado o Serviço Nacional de Proteção aos Índios que mais tarde, em 1967, virou a FUNAI (Fundação Nacional do Índio). Nos anos 40, os índios "soltos por aí" não precisavam mais temer os "bugreiros", que tantos mataram kaingangues e xoklengs nas matas do interior de Santa Catarina.

De índole mais dócil e pacífica, os guaranis Mbyás não sofreram a ação dos bugreiros, mas sua tradição oral não é isenta de histórias de violências e conflitos com a sociedade branca, inclusive com os "bugreiros".

NOVA MIGRAÇÃO- O grupo viveu no Morro dos Cavalos, uma área de terra que nos anos 70 virou parte da reserva florestal Parque do Tabuleiro, idealizada pelo famoso botânico Raulino Reitz (1919-1990). Raulino nasceu em Antônio Carlos em 1919. Antônio Carlos era um antigo distrito do município de Biguaçu. Emancipou-se politicamente em 1963 e virou um município. Faleceu em 1990. Reitz deixou vasta obra sobre botânica. Foi também historiador. Escreveu dois livros de história regional- "Frutos da Imigração" (1963) e "Alto Biguaçu- Uma narrativa cultural tetrarracial" (1988). Ambos são a respeito da história de Antônio Carlos, enfocando a colonização alemã.

Mas, voltando ao assunto índios, ao longo do tempo, o Morro dos Cavalos, onde estavam os guaranis Mbyás que se dizem descendentes dos "Chiripás" e "Phaim" fugidos da Ilha de Santa Catarina no século XVIII, passou a ser ocupado também por índios guaranis vindos do Rio Grande do Sul e do Paraguai. Estes últimos saíram de suas terras devido a conflitos de terras originários da expansão da colonização branca.

Surgiram, então, dois grupos distintos de índios guaranis na reserva de Morro dos Cavalos. Um dos chamados "Mbyá", que se dizem descendentes de guaranis da Ilha de Santa Catarina. Já os chamados "paraguaios" são os Nhendevá", que, tal como "Mbyá", também significa "gente" na língua guarani. Existe também um terceiro grupo de guaranis que se chama "Kayová".

O grupo Mbyá, conforme o relato do cacique, tinha uma língua originária do antigo dialeto da Ilha de Santa Catarina. Com o tempo e em função do contato e os casamentos com indivíduos do grupo "Nhendevá", os Mbyás foram falando mais o dialeto Nhendevá.

Eis que nos anos 1960, por iniciativa do pai do atual cacique Milton, o quase esquecido dialeto "*como nossos ancestrais falavam na Ilha de Santa Catarina*" passou a ser incentivado a ser falado entre eles. O pai de Milton era líder do grupo e a decisão de falar a "*nossa língua*" foi fator de identificação do grupo, que foi distinguindo-se da maioria Nhendevá. "*Nós somos os últimos dos índios Guarani-Karijós que ainda falamos o nosso idioma nato*", escreveu Milton. "Idioma nato" refere-se à antiga língua dos índios Chiripas e Phaim ou algo próximo.

NOVA TERRA EM BIGUAÇU- Em 1978, o grupo Mbyá começou a procurar outra terra para se mudar. Morro dos Cavalos tornou-se pequeno para tantos índios. Um grupo dos Mbyás foi-se embora para Parati, no Rio de Janeiro, conforme relata o cacique Milton Moreira Wherá.

Na década de 90, registrou-se a migração de índios guaranis para vários pontos de Santa Catarina. Aqui uma lista de onde grupos deles assentaram-se:

1) Palhoça, 2) Biguaçu, 3) Guabiruba, 4) Itajaí, 5) Navegantes, 6) Araquari., 7) Joinville., 8) Barra do Sul., 9) São Francisco do Sul., 10) Joinville, 11) Passo de Torres, 12) Garuva, 13) Treze Tílias, 14) Cunha Porã, 15) Ibicaré, 16) Itapiranga, 17) Dionísio Cerqueira, 18) Guaraciaba, 19) Barra Velha, 20) Jaguaruna. 21) Araranguá e 22) Guaramirim.

Em 12 de outubro de 1987, os Mbyás do cacique Milton Moreira Wherá Mirim assentaram-se em São Miguel, Biguaçu, às margens da BR-101, num antigo camping abandonado. Hoje são donos da reserva, apesar de ainda não estar totalmente legalizada pelo Governo Federal, o que deverá acontecer em poucos anos.

Em Santa Catarina, vivem atualmente em torno de oito mil índios das tribos guaranis, xoklengs e kaingangues. Os índios de Santa Catarina, além dos de outros estados brasileiros, somam 270 mil indivíduos, o que representam 0,2% da população brasileira. Esses 270 mil índios estão divididos em 206 etnias e 170 línguas.

Mas, voltando aos guaranis Mbyás, nos últimos 11 anos, os índios de São Miguel, Biguaçu, conseguiram melhorar sua aldeia. Ganharam luz elétrica, melhoraram o abastecimento de água, tiveram uma escola instalada em sua reserva neste ano de 1998 e ampliaram amizades junto ao povo de Biguaçu.

HISTÓRIA ORAL - A história oral dos índios Mbya é riquíssima. Mas eles não a registraram por escrito. Só agora, nessa década de 90, é que os Mbyás estão utilizando a escrita, adaptada ao português. Eles já possuem uma escola indígena na aldeia, mas não há ainda cartilhas em guarani Mbyá. Mas isso é outro problema.

Esses índios, no entanto, não escrevem frequentemente. Isso se deve ao fato que a escrita não está na tradição deles e escrever é um exercício árduo para quem não está acostumado ou não possui uma sólida escolaridade.

O cacique Milton Moreira Wherá escreveu em 15 de fevereiro de 1989 um pequeno resumo da história de sua tribo. O manuscrito foi passado a limpo a máquina de escrever e a cópia foi xerocada. Esse texto, tudo que existe registrado por escrito sobre a rica história oral dessa tribo, é utilizado pelo cacique nas aulas da escolinha de sua aldeia.

No entanto, o vasto material que se pode extrair da história dessa tribo, relatada de geração a geração e contada nas reuniões coletivas entre eles, está a espera do registro por escrito.

Florianópolis: nomes indígenas

Qual a origem dos nomes "Cacupé", "Pirajubaé", "Itacorubi" e "Moçambique", bairros e praia respectivamente da atual Florianópolis?

Desconheço a tradução dos nomes desses lugares da ilha de Santa Catarina em livros históricos de autores catarinenses. Não sei se alguém já apresentou algo a respeito desses nomes. A tradução que apresento neste breve artigo, que pode ser diferente à de outros autores, vem de uma fonte fidedigna: os índios guarani mbyá, da aldeia de São Miguel, em Biguaçu.

Esses índios se dizem descendentes dos "carijós", os antigos habitantes da ilha de Santa Catarina. Os "carijós" foram quase totalmente exterminados por doenças e escravidão pelos "bandeirantes", nos séculos XVI e XVII.

Vale lembrar que o nome "carijó" era dado aos guaranis que viviam no litoral catarinense pelos bandeirantes, os temíveis caçadores de índios vindos de São Paulo. "Carijó" (cari-ió) deriva de "cari", que significa "branco", em alusão à pele mais esbranquiçada dos nativos catarinenses. Os índios chamavam a si mesmos de "avá" ou "abá", cuja tradução é "gente". Já os "bandeirantes" eram conhecidos pelos nativos por "tapuya" (bárbaros). Atualmente os guaranis de SC se denominam "breás" que significa "gente de coração bom" diferentes dos tupis "comedores de gente"

Conforme os guarani de Biguaçu, seus antepassados que habitavam a ilha de Santa Catarina pertenciam a dois grupos distintos chamados "Chiripá" (escuros) e "Phaim" (claros). Originários do atual Paraguai, migraram rumo ao litoral catarinense séculos antes da chegada dos europeus. Em função dos casamentos interétnicos entre os dois grupos falantes de dialetos guaranis mutualmente compreensíveis, surgiu o povo indígena nativo da ilha que os colonizadores brancos encontraram nos séculos XVI e XVII.

Segundo os guarani mbyá de Biguaçu, "Cacupé" era uma grande aldeia onde residiam caciques, curandeiros, conselheiros, músicos e caçadores. Vem de "*Tekuá guassú Há Há Kupé*", que significa "*Terra Grande do Pé de Erva Mate*". Já "Pirajubaé", outra aldeia, vem de "*Pirá'Jumboaié*" (Outro tipo de peixe amarelo). Reporta-se à abundância no local de um tipo de peixe amarelo que os antigos índios carijós conheciam por "*Pirá'Jumboaié*".

"Itacorubi" é a pronúncia aportuguesada de "*Itakuru-í*", uma espécie de passarinho. O pássaro é o "itakurú". O "í" significa "pequeno" no idioma guarani. Portanto, "itakuru-í" significa "itakuru pequeno", um passarinho, segundo os guarani mbyá, existente em abundância próximo à antiga aldeia que passou a ser conhecida por esse nome.

Já a praia de "Mossambique" não tem nada a ver, segundo os índios, com o país "Mossambique", da costa oriental da África. O nome vem de "*Mossamby*", que significa "cemitério". Segundo os guarani de Biguaçu, "Mossamby" era uma pequena ilhota próxima à costa da ilha de Santa Catarina onde os índios executavam seus delinquentes. Sim, os carijós aplicavam a pena de morte, contam os guarani de Biguaçu. Consistia-se no enforcamento do condenado numa árvore na ilhota do "Mossamby".

Onde está hoje essa ilhota? Segundo os índios de Biguaçu, a ilhota de Mossamby, que ficava quase encostada à ilha de Santa Catarina, já não existe mais. O pequeno estreito que a separava da ilha de Santa Catarina está hoje ligado por aterro surgido pela erosão, provavelmente pelo desmatamento da costa durante os últimos séculos. Acreditam os índios que a ilha fica perto da atual praia de Mossambique. Daí à alusão ao nome pelo qual o lugar passou a ser conhecido.

A ilha de Mossamby era tida como maldita por causa da proliferação de espíritos ruins, certamente almas penadas dos executados. O interessante é que hoje a praia de Mossambique volta e meia é percorrida à noite por pessoas que querem ver discos voadores. Não seriam "espíritos voadores"?

Os índios guarani mbyá têm grandes histórias.

Outras histórias de mitologias no Brasil – precisamos pesquisar muito mais!

A CRENÇA

“... No princípio era tudo vazio, era tudo uma noite muito grande.

O deus Tupana, então, criou o céu e as águas.

Um dia, **Tupana** desceu lá de cima no meio de uma ventania muito grande.

Logo que Tupana tocou as águas, viu que o Sol apareceu no tronco do céu.

Quando o Sol chegou ao meio do céu, seu calor rachou a pele de Tupana.

A pele de Tupana começou a escorregar pelas pernas dele abaixo.

No momento em que o Sol já estava desaparecendo do outro lado do céu, a pele de Tupana caiu do corpo dele, se estendeu sobre as águas e formou as terras.

Quando o Sol apareceu novamente no tronco do céu (no dia seguinte), já havia terra, mas não havia gente.

Quando o Sol chegou ao meio do céu, Tupana pegou um pouco de barro, amassou e moldou uma figura de gente. Soprou-lhe no nariz.

A figura começou a se movimentar e a crescer. Ficou grande como Tupana, mas não falava.

Vendo a figura já grande, **Tupana** soprou em sua boca e ela começou a falar...”.

Essa é a visão do **povo nheengatu** sobre a origem do mundo.

Entretanto, nem todos os povos indígenas têm os mesmos mitos. Há muitas diferenças e um mito pode ter muitas versões.

O **povo Zo'é**, que vive na região norte do Pará, descreve sua origem de outra forma e o **povo Desana**, que vive no estado do Amazonas e na Colômbia, conta a história da origem da humanidade de outra maneira.

MITO INDÍGENA DO SOL

(Índios Tucuna, Vale do Rio Solimões, Amazonas)

Antigamente, muito antigamente, no tempo em que vivia entre os Tucuna, o Sol era um moço forte e muito bonito. Por ocasião da festa de Moça-Nova, o rapaz ajudava sua velha tia no preparo da tinta de urucu. Ia à mata e trazia uma madeira muito vermelha, chamada muirapiranga. Cortava a lenha para o fogo onde a velha fervia o urucu para pintar os Tucuna. A tia do moço era muito mal humorada, estava sempre a reclamar e a pedir mais lenha. Um dia o Sol trouxe muita muirapiranga e a velha tia ainda resmungava insatisfeita. O rapaz resolveu então que acabaria com toda aquela trabalhadeira. Olhou para o fogo que ardia, soltando longe suas faíscas. Olhou para o urucu borbulhante, vermelho, quente. Desejou beber aquele líquido e pediu permissão à tia que consentiu: - Bebe, bebe tudo e logo, disse zangada. Ela julgava e desejava que o moço morresse. Mas, à medida que ia bebendo a tintura quente, o rapaz ia ficando cada vez mais vermelho, tal qual o urucu e a muirapiranga. Depois, subindo para o céu, intrometeu-se entre as nuvens. E passou desde então a esquentar e a iluminar o mundo.

<http://www.staff.uni-mainz.de/lustig/guarani/loripa/>

<http://www.mentirasverissimas.com/2012/06/origem-do-universo-na-mitologia.html>

Aqui o Mito da Criação que é lindo e pode casar muito bem com histórias de todas as regiões do Brasil.

Contei utilizando os nomes da mitologia Guarani com a qual iniciei a mitologia.

O mito de Criação

No início dos tempos havia Namandu – a essência que Ele é – o Grande Sol.

Nós, seres humanos somos sua irradiação luminosa. Ele nos alimenta e nos fortalece.

De Namandu, o grande mistério da Unidade, surge Guaracy, a Dualidade, o Princípio Divino da Maternidade.

De ambos surge Tupã, a Trindade.

TUPÃ cria Mãe Terra e desenha nela futuras formas: montanhas, lagos, rios. Tupã cuida das grandes coisas. Agora precisa de alguém para continuar o trabalho de criação. Assim, cria o primeiro ser humano, Tupã-mirim. Pequeno criador.

Quando Tupã-mirim veio para a Terra, ele não conseguia viver nela. Ele era ser etérico, alado, luminoso – assemelhava-se a um pássaro. Tupã então, diz a ele que vá aos quatro cantos do mundo buscar sabedoria.

Tupã-mirim vai do nascente ao poente, encontra uma pedra e diz:

- **Pedra, você pode ensinar-me a viver na Terra?**

(E a pedra responde:)

- **Entra em mim.**

E enquanto pedra, ele aprende a meditar. Depois de um longo tempo, a pedra diz a ele que é hora de partir para continuar seu aprendizado. Assim ele sai em direção ao Sul e encontra a primeira árvore, uma Palmeira. E pergunta:

- **Árvore, você pode ensinar-me a viver na Terra?**

E a árvore respondeu:

- **Entra em mim.**

Assim eles se fundem e se tornam um só. Pela primeira vez, Tupã-mirim sente-se enraizado. Passado algum tempo a árvore lhe diz:

- **Você já aprendeu tudo o que eu poderia te ensinar. Agora saia e busque outros mestres.**

Tupã-mirim foi para o Norte e encontrou o primeiro animal – a onça. E sendo onça, pela primeira vez sente o cheiro da terra, respira o ar... anda e percorre as florestas. Quando tudo aprendeu, a onça diz:

- **Segue teu caminho.**

De volta ao Leste encontra uma montanha. Lá no (Olhando para o) alto vê uma gruta da qual irradia uma luz. Tupã-mirim sobe, entra e percebe uma luminosidade prateada que provém de uma serpente.

- **Você me ensina a viver na Terra?**

E a serpente responde:

- **Eu sou o espírito da Mãe-Terra!**

Enquanto fala vai rodeando e modelando uma forma a partir do barro e da água. Usando dois cristais faz os olhos, surgindo então a primeira forma humana

- **Entre nessa forma, pois assim aprenderá muito sobre a Terra.**

E acrescenta:

- **Vá e veja!**

E pela primeira vez Tupã-mirim caminha sobre duas pernas, vendo o mundo com olhos de cristais e fica maravilhado!

A serpente completa:

- **Junto com o corpo que te dei, levas meus dons. Os dons da terra, da água, do fogo e dos ventos. Com esses dons ajudar-me-as a criar novas formas de vida no mundo. As que você quiser! E além dos quatro, você recebe também o dom de Tupã – e com todos eles você será imbatível.**

- **Como é isso? Onde está o dom de Tupã?**

E a serpente responde:

- Está nas palavras e nos pensamentos! Mas atenção. Cuidado com o que pensas e com o que falas, pois o que tu pensares e falares será criado.

Assim, ele desce a montanha com os dons da Terra e do Céu.

E experimenta dizendo:

- Arara!

E aparece(surge) a arara!

E ele diz:

- Uruqueua!

E aparece(surge) a coruja!

Assim vão surgindo muitos pássaros!

Tupãmirim vê que verdadeiramente suas palavras contém o poder da Criação!

Porém ele continua... Olha para o chão e diz:

- Jacaré!

Assim aparece o primeiro jacaré...

- Paca!

- Tatu!

E ele foi andando e falando, até chegar à margem de um rio. Quando diz ARUANÃ, PIRARUCU, e continua falando, vários tipos de peixes vão surgindo pela primeira vez na Terra...

Ele ficou impressionado, mas também ressabiado. Porém continuou criando plantas, árvores e assim passou muito tempo no mundo pensando e falando.

Passado algum tempo, volta para a gruta e diz:

- Mãe Terra, vim devolver o corpo e os dons que recebi para viver na terra.

Mas ela responde:

- Não, você não precisa devolve-los. Fique com eles para sempre!

E ele retruca:

- Eu tive a pedra, a palmeira e a onça, e tudo o que tive, devolvi. Já aprendi muito e quero voltar para a terra de meu Pai.

Mãe-Terra então disse a ele que poderia ficar com o corpo o tempo que quisesse. Quando se cansasse deveria então, fazer uma cova e deixar nela seu corpo, em qualquer lugar, sem precisar voltar até ela (à gruta).

Tupã-mirim desceu a montanha novamente.

Criou tudo e nada mais tinha para criar.

Resolveu então ir até a cachoeira de águas cristalinas que forma um espelho d'água!

Então, ele se vê pela primeira vez e fala:

- MAVUZIMIM! Que significa belo, maravilhoso!

E assim, nasce a primeira mulher que recebe o nome de (nomeada) Mavuzimim.

Como ela surgiu das águas ele lhe ensina e lhe mostra toda a Criação.

- Mas só há animais grandes e cinzentos, tão pouco coloridos!

E então, ela fala: (- Veja!)

- PANAMBY – borboleta!

- MAINUMBY – colibri!

E assim, ela chama pelo nome todos os bichos coloridos, pequenos e bonitos...

E também fala os nomes das perfumadas flores, das deliciosas frutas, participando assim, da criação do mundo.

Mavuzimim percebe que seria lindo se houvesse mais seres humanos sobre a Terra.

Então, ela vai à floresta, recolhe sementes de cada árvore, de todas as cores.

Coloca-as numa cabaça e fecha com um galho, fazendo o primeiro maracá... Ela chacoalha o maraca, cantando vários sons, enquanto as sementes vão tornando-se crianças de todas as cores: vermelhas, negras, amarelas, brancas.

Estes foram nossos ancestrais, a primeira tribo!

Tupã-mirim ensinou a ela tudo o que havia aprendido: os primeiros fundamentos, os dons da terra e do céu, sobre o significado e poder do que se fala e pensa.

Depois de algum tempo, Tupã-mirim resolveu que era hora de voltar à Terra Natal.

Assim, entregou seu corpo à Mãe Terra e seu ser espiritual voltou para o céu, tornando-se o Sol nascente.

De lá ele olha por seus filhos e netos.

Passado o tempo Mavuzinim também entrega a sua forma.

Seu ser espiritual se transforma na Lua.

Mavuzinim nos acompanha durante a noite e Tupã-mirim durante o dia.

A Lua e o Sol são os nossos primeiros ancestrais no céu.

As duas primeiras crianças que nasceram desta tribo, tornaram-se seus líderes.

Houve um momento em que o mais novo queria conhecer o outro lado das grandes águas. Foi assim que surgiu a primeira desavença, pois o mais velho além de não querer ir, disse ao mais novo que fosse sozinho.

Houve então, um (a reunião do) conselho onde decidiu-se que metade da tribo permaneceria com o irmão mais velho, e a outra metade partiria com o mais jovem.

Eles atravessaram o grande rio e desapareceram (por entre) as matas.

O mais velho ficou e preservou as tradições, a vida na floresta, o cultivo, a pesca, a caça e o artesanato.

E assim se passaram muitos e muitos anos.

Uma vez o mais velho sonhou, numa noite de lua cheia, que seu irmão mais jovem voltaria. Realmente o mais novo voltou com armas e discórdia.

Havia esquecido sua origem e não reconheceu sua tribo e tampouco seu irmão. Ele o ataca com uma flecha poderosa e acontece a primeira morte.

O mais novo domina a tribo e até hoje seus descendentes vivem na discórdia.

Até que um dia Dijari, uma mulher anciã, tem um sonho. Este tempo de conflito estaria chegando ao fim.

Ela sonha que o grupo que atravessou as grandes águas dividiu-se e povoou as diferentes regiões da Terra. Deles surgiram os povos negro, amarelo e branco.

Dijari vê em seu sonho cada um desses povos retornarem e juntar-se ao povo que ficara, o povo vermelho.

Em sua visão, este encontro dos quatro povos gerará num primeiro momento muita confusão. Mas depois, com o girar da roda do tempo, poderá surgir um novo povo, o povo dourado.

“Nandira é o senhor dos elementos.

Ele tem a terra como corpo e dirige aqueles que trazem o Sol Divino em seus corações e o irradiam em suas comunidades.

Eles são o povo da consciência dourada e trarão em si a essência de todas as raças.”

AOS QUERIDOS COLEGAS PROFESSORES:

Quero deixar aqui ainda um comentário. Este material é apenas o início de uma pesquisa que deve ser muito longa e profunda. Alguns colegas professores de 4º ano e eu fizemos uma tentativa de iniciarmos o ano com a época de História e contando a Mitologia Indígena. Fizemos um caminho até a ancestralidade, os deuses que habitaram e cuidaram da nossa terra, antes de tudo estar criado e trouxemos toda a qualidade da cultura indígena para o dia-a-dia da sala de aula. Contar que homem é um co-criador, que de sacrifícios feitos pelo homem surgiram muitas das plantas e seres que vivem ao nosso redor, torna-nos necessariamente mais respeitosos com a natureza. O mundo não foi simplesmente criado e entregue ao homem para o que desfrute, mas o homem também ajudou a criá-lo e, portanto é responsável por ele tanto quanto o Deus criador.

A criança no quarto ano passa por este momento da “Queda do Paraíso”, mas na terra, na sua realidade, encontra uma comunidade que a acolhe, que a ama e que vai ajudá-la a viver aqui, que vai ensinar a ela os segredos da vida na terra. Ela não está só, os Deuses se acabaram, mas o homem é co-responsável pelo mundo e não vai deixá-la abandonada. Assim ela continuará respeitando e amando o adulto e não considerá-lo como alguém que a abandonou à própria sorte.

Espero que todos os colegas que leiam este material estejam abertos para estudar mais, conhecer mais, ir em busca de outras informações e não deixem de compartilhar tudo o que encontrarem, pois somente se nos unirmos neste caminho conseguiremos criar um material interessante e rico para ser utilizado em todas as nossas escolas.

Nós que começamos com a Mitologia Indígena no 4º ano, faremos a Mitologia Nórdica no segundo semestre, começando então um caminho em direção às histórias antigas e a todas as outras Mitologias Universais que virão nos anos seguintes.

No momento é o que conseguimos pensar e organizar. Quando houver mais estudo sobre o tema, poderemos talvez fazer um grande encontro de professores para incluir no currículo algo mais consistente sobre nossas origens. No próximo Congresso Brasileiro de Pedagogia, em janeiro de 2014 levaremos este tema.

Deixo aqui o Meu e-mail para que entrem em contato e contribuam mais,

beatrizcamorlinga@gmail.com